

Reúnem-se neste volume as comunicações apresentadas no colóquio *Estudos mirandeses: balanço e perspectiva (Homenagem a António Maria Mourinho)* que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto a 26 e 27 de Março de 1999. O colóquio tinha um duplo objectivo: fazer o ponto da situação sobre os estudos realizados, em curso e a fazer sobre a língua mirandesa e os múltiplos aspectos da cultura relativa a todo o espaço do planalto mirandês e, em simultâneo, homenagear a memória de António Maria Mourinho (1917-1996), o mais importante estudioso e divulgador da cultura mirandesa na segunda metade do século XX. Os dois primeiros contributos retratam a íntima ligação da vida e obra do homenageado à cultura mirandesa. Em outros quinze estudos são tratados temas como a língua e literatura mirandesas, o ensino do mirandês, a história e o património, a etnologia e a arte tradicional, a música, o teatro popular, a paisagem, as edições discográficas.

Patrocínios:



Apoios:

Câmara Municipal de Miranda do Douro
Governo Civil de Bragança
Direcção Regional da Cultura do Norte - M.C.
Comissão Regional de Turismo do Nordeste
Transmontano
Frauga - Associação para o Desenvolvimento
Integrado de Picote

Grânito

ESTUDOS MIRANDESES

Balanço e orientações



José Francisco Meirinhos
(Coord.)

Grânito
Editores e Livreiros

Estudos mirandeses

**Estudos mirandeses: balanço e orientações.
Homenagem a António Maria Mourinho**

FICHA TÉCNICA

Título

Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho (Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999)

Coordenação

José Francisco Meirinhos

© Autores e Centro de estudos mirandeses da Universidade do Porto.

Foto da Capa

Largo do Toural, Picote c. 1990 (foto Pedro Julião)

Colecção

Textos e estudos mirandeses (série Estudos,1). Dirigida por J. F. Meirinhos

Editor

Granito, Editores e Livreiros – Lda - Porto

Composição e Grafismo

Barros, Fotomecânica, Lda. - V. N. Gaia

Impressão

Riagráfica, Lda. - Estarreja

Depósito Legal nº 177712/02

ISBN: 972-8594-21-6

Dezembro de 2000

**Estudos mirandeses: balanço e orientações.
Homenagem a António Maria Mourinho**
(Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999)

Coordenação
José Francisco Meirinhos


Granito
Editores e Livreiros
Porto 2000

uma cultura mais intensiva. É claro que haveria algumas culturas mais mercantilizáveis, como sejam a oliveira, a vinha e a amendoeira, assim como o gado bovino detinha uma importância regional de assinalar (este gado geralmente era exportado para as Beiras onde lhe era dado o nome de gado ratinho), mas estes elementos eram utilizados, harmonizados e incorporados para a própria sobrevivência do sistema. As crises agrícolas das décadas de 70 e 80, sobretudo na oliveira e na vinha, vão trazer um novo fenómeno – a emigração. Quando as unidades produtivas vão deixar de poder dar resposta às necessidades do agregado irão utilizar-se, na região de Miranda como noutras, duas estratégias: primeiramente, o alargamento da área cultivável através da apropriação dos baldios (e Miranda é a região em que este fenómeno se dá mais tarde) e, pouco depois, a emigração sistemática.

O Inquérito de 1885 realizado pela *Comissão Parlamentar para o estudo da Emigração Portuguesa* descreve-nos o concelho de Miranda do Douro como tendo uma propriedade agrícola com uma superfície média de 2,5 ha. e como estando a processar-se o aumento da área cultivável através do arroteamento dos baldios, geralmente por compra ou, em menor parte, por aforamento, restando ainda cerca de metade da área do concelho. Não havia ainda uma proletarianização tão acentuada como noutros concelhos, mesmo os jornaleiros tinham sempre alguma terra ainda, mas deslocavam-se comumente à Andaluzia por falta de trabalho em certas épocas, dedicando-se à guarda temporária de gado, sobretudo bovino.

A emigração sistemática para destinos mais longínquos vem logo a seguir, já facilitada no nosso século pela utilização do caminho de ferro que outra finalidade prática não teve, segundo Orlando Ribeiro, senão conduzir a este esvaziamento demográfico estimulando a migração dos nordestinos para os grandes centros do país e exterior – nesta primeira fase o Brasil, e depois a França e a Alemanha. Vai ser esta emigração cíclica e sistemática que vai permitir ou proporcionar a sobrevivência deste modelo rural, retirando, em simultâneo, bocas a alimentar do agregado e proporcionando a entrada de capitais para viabilizar o inviabilizável: o modelo rural tradicional.

Luísa Genésio

(Instituto Politécnico de Bragança)

A paisagem mirandesa — uma leitura

«Planalto de granito agreste e estranho, aberto aos ventos de Espanha (...) Nessa mesa de gigantes, em que a toalha esburacada e emendada em grandes remendos de muitas e variadas cores afirma a presença mais frequente do ser humano, tudo aquilo que poderia dar uma escala humana é absorvido e dilui-se em conjuntos de outra ordem de grandeza. Deve-se essa sensação, não só à configuração do terreno como à maneira larga como é feita a exploração da terra. Entre trechos de paisagem brava, abrem-se grandes extensões de terrenos cultivados, amplas bordaduras dos povoados, cuja proximidade nos é dada por guardas avançadas de negrilhos tortuosos» (O. Felgueiras, A. Araújo, C. Carvalho Dias). (Foto 1)

«Subindo da garganta profunda por onde corre o Douro na fronteira, para Miranda, depara-se com uma vasta superfície, levemente acidentada, através da qual a vista se espria até longe. Colinas, lombas, vales superficiais secos durante a maior parte do ano, não conseguem desfazer a regularidade desta chã monótona que se estende em todas as direcções» (Virgílio Taborda). (Foto 2)

«Com os olhos no rio e nos montes, silenciosos e indecifráveis, as interrogações emergem, alteram-se, cruzam-se, renovam-se. Os olhos interrogativos são, na verdade, como que as inexoráveis fontes de meditação sobre o Invisível» (Sant' Anna Dionísio).

«Contemplar a paisagem sob o ponto de vista da infinitude, leva-me a protestar contra o modo puramente utilitarista de contemplar a realidade, característica da visão técnico-científica dos dias de hoje» (R. Assunto). A contemplação da paisagem pode valorizar a beleza como finalidade em si, e não somente a utilidade das coisas reais. A paisagem é um objecto estético, consequência da filosofia da Arte e da Natureza.



Foto 1



Foto 2

A lógica elementar do utilitarismo tem destruído muitas paisagens, em geral. A cultura de massas tem consequências desastrosas.



Foto 5



Foto 4

A Natureza tem um modo de fazer formas. Os secadais de Miranda adaptam-se sabiamente às formas geológicas graníticas, aproveitando o agricultor as pedras para a construção de muros. (Fotos 3, 4)

A ideia da paisagem concebe-se como uma forma da Natureza ao constituir-se como objecto estético. Admito a possibilidade da existência de paisagens belas, propícias á existência do Homem. Admito que o belo natural se pode melhorar pela mão dos artistas.

A paisagem enquanto objecto estético provoca em nós reacções intelectuais ou sensoriais.



Foto 5



Foto 6

Para desfrutar de uma paisagem, é necessária educação estética. A paisagem é o resultado de uma ordem imposta aos caos original, é um conceito cultural.

Cada paisagem tem uma leitura própria.

A memória dos lugares faz parte da memória do povo. A paisagem resulta por um lado da economia agrária que imprime marcas na região. O Mirandês é sobretudo criador de gado. Os lameiros de regadio e de sequeiro são a nota dominante nesta paisagem. A compartimentação dos campos é uma marca da estrutura agrária de base. (Fotos 5, 6)

A paisagem resulta também de valores visuais que podem tornar-se mais visíveis pela mão dos artistas. (Foto 7)



Foto 7

Preservar uma paisagem é mais do que preservar o património natural ou construído. A história da paisagem mostra-a como uma operação perceptiva, ou seja uma determinação sócio-cultural.

Como paisagista tento ler estruturas essenciais à forma da paisagem e acentuá-las para poder torná-las visíveis em soluções estéticas de ordenamento do território. Há elementos territoriais mais fortes que outros em termos de organização espacial ou formal. O estudo da forma da paisagem, da sua composição plástica é colocado em primeiro plano.

Interessam-me não os fenómenos em si, mas a forma como se manifestam, se tornam visíveis, os efeitos que provocam. A paisagem Mirandesa manifesta-se em linhas horizontais que provocam uma sensação de calma. O serpentear dos caminhos, os contornos suaves dos usos do solo contribuem para a mesma sensação. (Foto 8)



Foto 8

“Visualizar é a capacidade de formar imagens mentais. O alfabeto visual pode procurar-se na Natureza. Existe uma sintaxe visual. Existem linhas gerais para estabelecer composições. O alfabeto visual nunca poderá ser lógico como a linguagem, pois não há regras absolutas de composição.” (D.A. Dondis)



Foto 9

As formas mais abstractas, mais regulamentadas das actividades humanas são alimentadas por formas mais antigas, espécie de rememoração viva, a tradição própria de cada uma delas.

O viajante que percorra as paisagens de Miranda verifica o predomínio das linhas horizontais resultantes das formas planálticas. (Foto 9)

Os campos têm uma geometria que reflecte as estruturas agrárias de base. A compartimentação dos campos, os muros, as sebes, os sistemas de afolhamento, os caminhos, as redes de rega e drenagem, reforçam aquela estrutura de base.

A forma da paisagem Mirandesa pode analisar-se com elementos básicos do desenho - ponto, linha, plano, volume; variáveis segundo vários aspectos - número, orientação, tamanho, intervalo, textura, densidade, cor, ciclos sazonais, escala, ...

O ponto

Pontuar a paisagem resulta em obter sítios com mais força e dinamismo. O ponto provoca um pequeno mundo à parte, uma retenção, o olhar é convidado a parar. Muitos acontecimentos podem ser entendidos como pontos - árvores isoladas, capelas isoladas, cruzamentos de caminhos, interrupções em certas imagens (p. ex. muros), etc. (Fotos 10, 11)

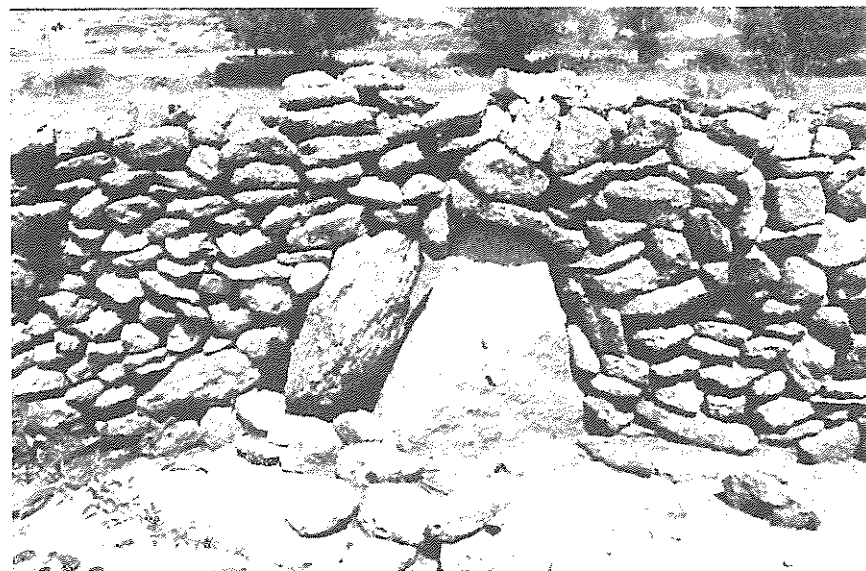


Foto 10



Foto 11



Foto 12

A linha

A linha encerra em si um movimento, uma dinâmica, em oposição ao ponto estático. A construção de paisagem tem um grafismo que afecta o seu carácter, e que deve influenciar a maneira de construir. O muro é uma linha dinâmica com carácter muito próprio. (Foto 12)

Na paisagem encontramos uma infinidade de linhas. Algumas são estruturantes — linhas geomorfológicas (o planalto), linha de horizonte, linhas de compartimentação do solo, contornos de diferentes usos do solo, linhas de drenagem, linhas geológicas.

Os contornos dos diferentes usos do solo têm significados formais e funcionais.

A questão fulcral é entender até que ponto cada elemento depende do lugar que lhe é dado.

Plano

O plano original em que a paisagem se desenvolve tem a forma de planalto. O grau de ocupação do território irá definir a maior ou menor variedade de planos. (monocultura vs policultura). Existe uma lógica na distribuição dos usos em torno da aldeia. As casas são

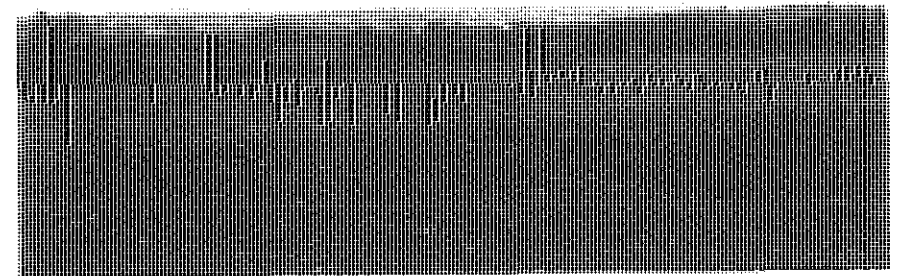


Foto 13

rodeadas por planos de hortas e lameiros de regadio, separados por planos verticais ou sebes de freixos, carvalhos ou outras árvores, seguem-se os planos ou folhas de cereal e os secadais e mais longe os planos das matas, dos incultos e da floresta. (Fotos 13. 14)



Foto 14

Volume

Na paisagem os volumes têm geometrias irregulares complexas. As diferenças nas formas determinam os contrastes e a dominância.

A geoforma é invariante sendo, por isso, uma característica estruturante da paisagem.



Foto 15



Foto 16

Existe uma dinâmica geológica que deixa marcas na paisagem e constitui o seu suporte físico (Foto 15)



Foto 17

As diferentes unidades geomorfológicas (planalto, vale) têm dinâmicas próprias. O Homem modifica a matéria prima, criando civilizações. Orlando Ribeiro fala da civilização do granito no Norte de Portugal. Cria-se uma nova dinâmica na paisagem. Sensações de movimento estão presentes nestes volumes. (Fotos 16, 17)



Foto 17

Algumas notas conclusivas

A desorganização desta morfologia resulta numa desvalorização do todo; daí a importância de definir perímetros rurais ou de assegurar o ordenamento do termo da aldeia. A paisagem pode ser tratada com erudição ao ser projectada de acordo por exemplo, com os ensinamentos de Le Nôtre, ligando o “aqui ao além”, unindo os diferentes planos da paisagem com eixos que provocam a sensação de domínio e omnipresença. O viajante pode sentir a escala grandiosa da paisagem.

A complexidade desta paisagem resulta da multiplicidade de relações entre as partes, que não são claramente previsíveis.

O paisagista é sensível à surpresa na paisagem e acentua-a nas suas intervenções. Observar a paisagem à escala humana em busca de formas ordenadas, de estruturas, faz-me sentir o choque de várias ordens não conjugadas que provocam uma agradável desordem. A ordem existente no ordenamento dos campos em torno da aldeia, nada tem a ver com a ordem existente no interior de uma mata.

Como paisagista procuro as relações entre as partes. O projecto à escala da paisagem é uma obra de autor. A transformação de um facto físico numa experiência emocional deriva de um nível superior da nossa capacidade de abstracção.

A complexidade da arquitectura paisagista depende das contradições encontradas que se associam com frequência à natureza topográfica do terreno. Há padrões de construção que resolvem problemas semelhantes.

O carácter da paisagem é o conjunto coerente de uma organização que transforma na trama única da sua soberania tanto o visível como o invisível.

A paisagem enquanto objecto estético necessita uma mediação artística. É importante que nas soluções de Ordenamento do Território, figure a solução estética de espaços particulares.

O projecto a grande escala desenvolve-se no mundo abstracto da representação mental.

O reino das formas implica cruzamentos entre o desejo de conhecer e o impulso artístico.

A crescente tendência de quantificação da paisagem tornou-se totalmente soberana, tendo assim havido perdas de ordem filosófica, poética e artística, na visão do mundo. A teoria dos ecossistemas nada diz sobre a componente cultural da paisagem. O belo não é quantificável.

A unidade fundamental é uma questão estética; a grande autoridade da ciência é talvez insuficiente para negar a existência de uma beleza fundamental e unificadora.

A paisagem pode observar-se por várias prismas. Se por um lado me interessa construir uma solução estética com carácter operativo em planos de ordenamento, tenho a noção de que, para além dos instrumentos de análise, marcas de identidades e diferenças, princípios de ordenação, existem semelhanças murmurantes nas coisas, similitudes surdas que independentemente do pensamento formal, fornecem a matéria infinita ao pensamento artístico. O poeta é aquele que acima das diferenças nomeadas e previstas reencontra os parentescos subjacentes às coisas, ouve um discurso mais profundo.

Termino com palavras de Sant'Anna Dionísio: “Os olhos interrogativos são, na verdade, fontes de meditação sobre o invisível.”

Referências bibliográficas

- Arnheim, R.: *Para uma psicologia da Arte e entropia*, Dinalivro, Lisboa, 1997.
- Assunto, R.: *Ontología e teleología del jardim*, Ed. Tecnos, Madrid, 1991.
- Dionísio, Sant 'Anna: *Alto Douro Ignoto*, Lello e irmão Ed., Porto, 1977.
- Dionísio, Sant' Anna: *Ares de Trás-os-Montes*, Lello e irmão Ed., Porto, 1977.
- Dondis D. A.: *La sintaxis de la imagen*, G.G. Ed., Barcelona, 1997.
- Gombrich, E.H.: *La imagen y el ojo*, trad., Alianza Ed., Madrid, 1993.
- Guia de Portugal*, Tomo V, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 1988.
- Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª Ed., A. A. P., Lisboa, 1988 (Tomo 1, zona 2: Arqs. Octávio Felgueiras, Arnaldo Araújo, Carlos Carvalho Dias).
- Kandisky, W.: *Ponto Linha Plano*, Ed. 70, Lisboa, 1989.
- Ribeiro, Orlando: *Geografia e Civilização - Temas Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1992.
- Ribeiro, Orlando; Lautensach, H.; Daveau, S., *Geografia de Portugal*, vol. 2, 3, 4. Ed. João Sá da Costa, Lisboa 1991.
- Schiller, Friedrich: *Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa série de cartas e outros textos*, trad. , IN-CM, Lisboa, 1993.
- Taborda, Vergílio: *Alto Trás-os-Montes: Estudo geográfico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.

Materiais